

ENTRE CRUZES E ENCANTADOS: uma análise da influência religiosa na identidade indígena do povo Karuazu

BETWEEN CROSSES AND ENCHANTED BEINGS: an analysis of religious influence on the indigenous identity of the Karuazu people

Erica Danieli de Lima Santos¹
Reinaldo Sousa²

Resumo: O presente artigo é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso, vinculado ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, apresentado no Curso de Geografia na Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL. Este trabalho objetiva uma análise mais profunda dos impactos da catequização europeia sobre os povos originários, com foco específico no povo indígena Karuazu. Isso porque, a imposição cultural europeia, sob o pretexto de "civilizá-los", afetou significativamente os costumes, tradições e modos de vida destes povos. A pesquisa procura entender como, apesar das adversidades, os Karuazu resistiram e continuam a resistir, preservando e reproduzindo sua cultura. Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa adotou uma abordagem metodológica mista, combinando a revisão bibliográfica com a exploração de campo. Assim, foram realizadas, dentre outros, os seguintes passos: ampla revisão bibliográfica em livros e artigos acadêmicos; entrevistas; observação participante; documentação fotográfica; além da coleta de dados para análise qualiquantitativa. Esperamos, ao final, que os resultados e análise possam contribuir para uma melhor compreensão da cultura indígena do povo Karuazu e como estes têm resistido às interferências externas, sobretudo a religiosa, e reproduzido suas formas particulares de manifestação cultural.

Palavras-chave: Catequização; Religião; Resistência cultural; Tradição.

Abstrac: This article is the result of an Undergraduate Thesis, linked to the Intercultural Indigenous Teaching Degree Program, presented in the Geography Program at the State University of Alagoas (UNEAL). This paper aims to provide a deeper analysis of the impacts of European catechization on indigenous peoples, with a specific focus on the Karuazu people. This is because European cultural imposition, under the pretext of 'civilizing' them, significantly affected the customs, traditions, and ways of life of these peoples. The research seeks to understand how, despite adversities, the Karuazu resisted and continue to resist, preserving and passing on their culture. To achieve the proposed objectives, the research adopted a mixed methodological approach, combining a literature review with field exploration. Thus, among other steps, the following were carried out: a broad literature review in books and academic articles; interviews; participant observation; photographic documentation; in addition to data collection for qualitative and quantitative analysis. We hope, in the end, that the results and analysis can contribute to a better understanding of the indigenous culture of the Karuazu people and how they have resisted external interference, especially religious influences, while maintaining their particular forms of cultural expression.

Keywords: Catechization; Religion; Cultural Resistance; Tradition.

¹ Graduada em Licenciatura em Geografia pelo Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade Estadual de Alagoas (CLIND/UNEAL). E-mail: erica.santos@alunos.uneal.edu.br.

² Doutor e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe. Professor Titular da Universidade Estadual de Alagoas. E-mail: reinaldo@uneal.edu.br.



Introdução

O ano de 1500 marca o início da colonização, pelos portugueses, das terras hoje conhecidas como Brasil. Marca, portanto, o começo da história de formação do povo brasileiro. No entanto, ao contrário do que é frequentemente retratado em muitos livros e narrativas dos exploradores, há muito mais a ser contado. Pouco se fala, por exemplo, sobre os povos originários e as profundas mudanças resultantes do choque de culturas. Felizmente, atualmente novas vozes têm dado visibilidade aos processos enfrentados por esses povos, que tiveram que se adaptar aos desígnios impostos pelos conquistadores europeus. Muito do seu modo de vida e tradições foi perdido, mas outras manifestações culturais foram preservadas através da luta e resistência, sobretudo sua crença e fé nas divindades ancestrais.

Os povos originários, é preciso lembrar, já estavam por aqui muito antes dos portugueses chegarem. Seu modo de vida era muito distinto se comparado ao modo atual, uma vez que “a mão dominadora” da cultura europeia modificou muitos dos seus costumes e de suas tradições. Muitos morreram, vítimas de doenças trazidas por seus algozes, outros tantos foram caçados, capturados e obrigados a trabalhar como escravos, sendo privados de qualquer dignidade humana, ainda assim a fé perseverou e a conexão com seus ancestrais, resistiu. Esse foi um dos principais motivos de seus descendentes manterem vivos seus rituais e sua identidade religiosa.

O sagrado e a energia que emana de seus cantos e danças, são a manifestação desse encontro, do elo entre mundo material e espiritual. As sensações e sentimentos, advindos deste enlace é, para o indígena, seu mais fiel vínculo com os *Encantados*, uma espécie de divindade para os indígenas. Para estes povos originários, os Encantados realizam cura de doenças, atendem a promessas e atuam na proteção. São também guardiões de segredos que são revelados somente às pessoas por eles escolhidas. Nos rituais, os *Encantados* podem se apossar do corpo humano manifestando, assim, a sua presença neste plano.

Esta ligação entre os dois planos se dá também pelas insígnias usadas. Segundo Peixoto, por exemplo, alguns itens usados pelos indígenas “[...] como o campião e o maracá são indispensáveis para fazer a ponte entre os mundos e para relembrar tradições, invocar os antepassados, selar pactos entre os indivíduos ou renovar a união interna da comunidade” (2018, p. 118). Ou seja, ainda que muitas memórias tenham sido perdidas com o tempo e novos elementos incorporados em sua cultura, ainda há muito a se preservar, reproduzir e dar continuidade. Isso tem sido feito através de *rituais*. As experiências passadas de geração a geração, através destas manifestações, têm contribuído para o fortalecimento de sua cultura e

identidade cultural. Logo, o Deus do Cristianismo se enraíza com suas crenças nos *Encantados*, criando uma ligação tão singela e firme que dissociá-las é quase impossível.

Portanto, o presente trabalho tem por principal objetivo analisar a influência religiosa na identidade do povo Karuazu, indígenas pertencentes ao município de Pariconha (AL), com foco na análise dos impactos das práticas de catequização colonial e de crenças tradicionais na formação de sua identidade religiosa. Outro elemento que se buscou alcançar com esse artigo foi a identificação das práticas de catequização católica e seu papel na introdução e transformação das crenças religiosas do povo Karuazu. A pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, com o objetivo de embasar, teoricamente, as reflexões sobre as categorias geográficas de Lugar, Cultura e Religião. Para isso, foram mobilizadas contribuições de autores especializados como Ferreira (2000), Sousa e Silva (2022) e Carlos (2007), para o aprofundamento do conceito de Lugar; Tylor (apud Tilio, 2009) e Luciano (2023), no campo da Cultura; além de Peixoto (2018), Santos (2012) e Durkheim (1989, apud Laraia, 2005), no debate sobre a dimensão religiosa. Esses referenciais permitiram a construção de um diálogo teórico consistente, fundamental para a consolidação dos principais argumentos apresentados ao longo do trabalho.

Complementarmente, foi realizada uma etapa de pesquisa de campo, durante atividades desenvolvidas no âmbito de uma disciplina do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena (CLIND), envolvendo entrevistas com quatro indígenas da etnia Karuazu. As entrevistas buscaram compreender, por meio das narrativas, como esses sujeitos percebem a relação entre cultura e religião em suas vivências cotidianas. Além disso, foi aplicado um formulário a 32 indígenas da mesma etnia, com o objetivo de levantar informações sobre as práticas religiosas, crenças nos Encantados e participação nos rituais da aldeia. Como parte da metodologia visual, o trabalho incorpora fotografias realizadas durante a pesquisa de campo, as quais funcionam como registros narrativos que expressam elementos centrais da cultura Karuazu, o vínculo com os Encantados, a relação com o lugar e os impactos da fé cristã herdada da colonização europeia, revelando a coexistência e ressignificação de distintas expressões religiosas e culturais.

Breve referencial teórico – conceitual

Para pensar a espacialidade do povo Karuazu (Fotografia 1), suas manifestações culturais, seu modo de vida e como isso tem mudado ao longo do tempo, a partir de influências externas, escolhemos como categorias da análise geográfica o lugar, visto aqui à

luz de Ferreira (2000), Sousa e Silva (2022), e Carlos (2007). De acordo com Ferreira (2000) a categoria lugar, que antes gerava controvérsias no campo da geografia, vem sendo considerada uma categoria central para entender os fatos que ocorrem no cotidiano das comunidades tradicionais. Assim, ao nosso ver, lugar é a categoria geográfica que melhor reflete os significados.

Fotografia 1 – Terreiro indígena Karuazu, um lugar de Encontros



Fonte: Autora, 2023.

Para Sousa e Silva (2022, p. 72) o lugar é “[...] uma unidade da diversidade, na medida em que recebe, intensamente, determinações externas, mas também impõe uma dinâmica interna”. Para Carlos (2007), o lugar é fruto das relações que as pessoas constroem umas com as outras, bem como com a natureza ao seu redor criando, a partir dessas vivências, conexões cheias de significados e sentidos, que vão se perpetuando pela história e por elementos culturais que serão responsáveis pela construção de uma identidade, levando o ser humano a se reconhecer, visto que esse lugar está ligado ao seu viver.

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se, indissociavelmente, à produção da vida (Carlos 2007, p. 22).

Assim, o conceito de lugar está diretamente ligado às conexões que um indivíduo, ou um povo, absorve de um determinado local, levando-o a diferenciar este espaço dos demais. Está intrinsecamente conectado com as relações sociais, com os costumes e experiências compartilhadas no dia a dia contribuindo, dessa forma, para a construção de laços e memórias afetivas, que dão ao ser humano o sentimento de pertencimento, fazendo desse lugar, o seu lar.

A cultura é, indiscutivelmente, muito importante para as comunidades tradicionais. Afinal, ela expressa sua singularidade, seu modo de vida, ou seja, como eles se identificam e se expressam. A linguagem, as vestes, os valores e regras estabelecidas, são algumas das características que estão inseridas na cultura. Assim, para discutirmos cultura na comunidade Karuazu, nos utilizamos de autores como Tylor (*apud* Tilio, 2009), para quem “[...] *cultura e civilização*, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade” (p. 38).

No que tange à religiosidade indígena, convém mencionar que mesmo estando entrelaçada em alguns aspectos ao Cristianismo, ela se difere em vários aspectos, possui suas particularidades e regras estando, significativamente, associada à relação natureza / espiritualidade. Por meio de seus rituais, abertos ou restritos ao público, alcançam o espiritual. Para o indígena, diz Peixoto (2018), a “[...] religião significa estreita aliança com o sagrado, tanto quando busca proteção quanto em comemoração por alguma conquista. Seus rituais e suas festas são momentos de profunda harmonia com a natureza e com suas forças, além de se converterem em encontros com suas origens e tradições” (Peixoto, 2018 p. 60). Já para Santos (2012),

[...] apesar da enorme diferença cultural entre os europeus e os povos nativos, os primeiros relatos feitos pelos jesuítas pareciam confirmar as expectativas iniciais [sic] favoráveis à catequese. No entanto, a diferença cultural entre índios e europeus mostrou-se um obstáculo maior do que se imaginava, de início. A ênfase da missão passou a incidir mais sobre a mudança de costumes do que sobre a conversão ou o aprendizado da doutrina. Era necessário, para os jesuítas, que os índios abandonassem a antropofagia, o nomadismo, a poligamia e outros aspectos fundamentais de sua cultura, para que pudessem ser considerados, verdadeiramente, cristãos (Santos, 2012, p. 47).

Mas, para aqueles autodenominados “descobridores” das terras já habitadas pelos povos indígenas, suas normas e valores deveriam se sobrepor àquilo que consideravam uma forma “desorganizada” de existência dos nativos. Assim, impunham a esses povos o abandono de seus modos de vida, de suas crenças e tradições, em nome da assimilação de

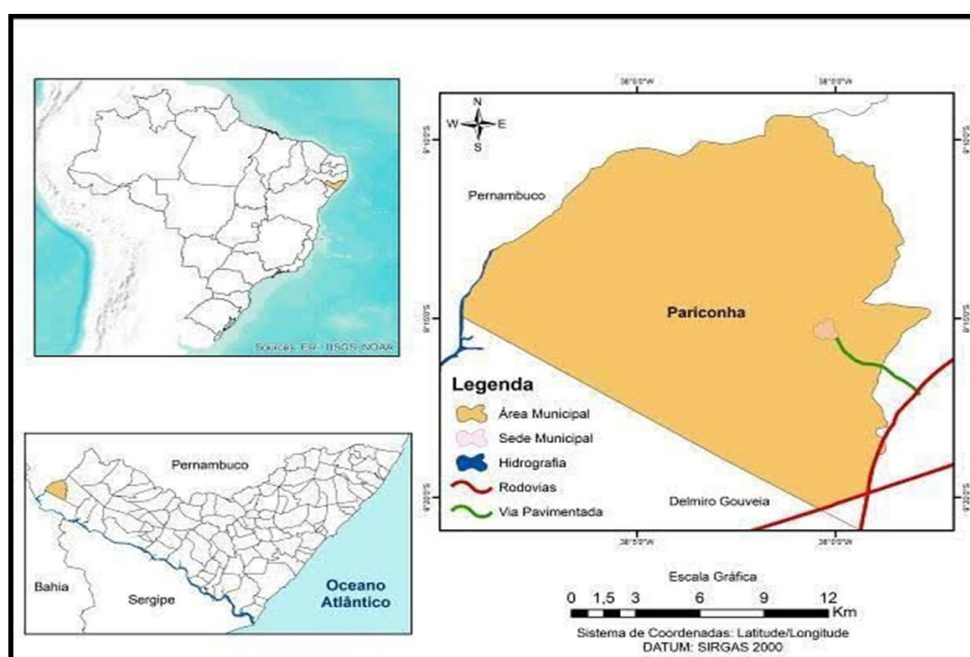
um conhecimento tido como “válido”, centrado na fé cristã e nos ideais europeus de civilização, como condição para que pudessem ser considerados aptos a viver de maneira “civilizada”.

Caracterização da área de estudo

A pesquisa que deu origem a este trabalho, teve como objeto de estudo o povoado Campinhos, localizado no município de Pariconha - AL. Este município, segundo o censo do IBGE (2022), conta com uma população de 10.573 habitantes, tendo uma área territorial de 254,719 Km², e um PIB per capita de R\$13.747,59. O município (mapa 1) está localizado no Sertão Alagoano, na Região Intermediária de Arapiraca e Região Imediata de Delmiro Gouveia. Sua formação se deu com a chegada das famílias Teodósio, Vieira, Viana e Félix, no início do século XIX.

De acordo com o censo do IBGE (2022), 56,12% dos habitantes deste município se autodeclararam como indígenas. O município possui três etnias descendentes do povo indígena Pankararu, Brejo dos Padres – PE: Jiripankó, Katokinn e Karuazu. Seus rituais e fé nos *Encantados*, são os principais elementos que mantiveram vivos os costumes e tradições culturais dos antepassados, transmitindo, desse modo, sua herança cultural. Ambas as etnias têm como principal característica representativa da cultura local o *Toré*.

Mapa 1 – Localização de Pariconha



Fonte: Oliveira (2018)

O povoado de Campinhos tem como base econômica a agricultura, a pecuária, além das atividades autônomas. Sua padroeira é Nossa Senhora das Dores e em setembro é celebrado o novenário em seu louvor. É importante destacar que há uma íntima relação entre os indígenas e a igreja. O primeiro dia de novena, por exemplo, é realizado com os indígenas do lugar. Inicialmente, os *Praias* cantam e dançam no terreiro indígena e, em seguida, eles marcham em direção à igreja, cantando seus *toantes*³, acompanhados por outras pessoas (Fotografia 2).

Fotografia 2 – Procissão de indígenas rumo à Igreja de Campinhos



Fonte: Autora, 2024.

Durante a celebração da missa, os *Praias* se posicionam próximos ao altar e participam balançando seus maracás e, ao final realizam o *Toré* em frente à igreja (Fotografia 3). Como parte da tradição de suas cerimônias ritualísticas, abrem o espaço para que todos os presentes possam participar da dança ao som de seus cantos, se assim desejarem.

³ Toante é a música ou Toré de cada Encantado. É revelada progressivamente, no ritual doméstico ou particular (Peixoto, 2018).

Fotografia 3 – *Toré* realizado durante a noite indígena nos novenários da padroeira de Campinhos



Fonte: Autora, 2024.

Em junho acontece também a comemoração em homenagem a São Pedro e São Paulo, outra festa tradicional. Ademais, há também a missa de vaqueiro, momento que conta com a presença de vaqueiros advindos de outros estados para festejar. O povoado abriga um dos três povos étnicos de Pariconha, o povo Karuazu. Para estes povos, mas não somente para eles, a fé em seus *Encantados* é o maior legado deixado por seus ancestrais.

Indígenas Karuazu: ponta de rama dos Pankararu

Desde a ancoragem dos portugueses no Brasil, e mais tarde com o desembarque de outros povos advindos da Europa, diversos povos indígenas tiveram de fugir e se esconder para viverem segundo suas crenças e tradições. Segundo Corso, “[...] já no Século XIX, a Igreja, tendo percebido que a população começou a formar costumes próprios, devoções, rezas, peregrinações, passou a centralizar o poder na hierarquia, através do processo de romanização” (2005, p. 2). Isso, associado a conflitos travados com os coronéis por questões agrárias, em função da Lei de Terras⁴, contribuiu para o processo de diáspora indígena no final do século XIX. Assim, indígenas de um aldeamento do Brejo dos Padres - PE, migraram para o interior de Alagoas, se fixando nas terras onde está situado o povoado denominado Ouricuri, sede do povo Jiripankó.

⁴ BRASIL. Lei N° 601 de 1850, de 18 de setembro de 1850. Dispõe sobre as terras devolutas do Império. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L0601-1850.htm#:~:text=L0601%2D1850&text=LEI%20No%20601%2C%20DE,sem%20preenchimento%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20legais. Acesso em 30 nov. 2024.

Posteriormente, outros indígenas que migraram das terras pernambucanas se deslocaram para áreas próximas às terras onde seus conterrâneos se instalaram, em busca de trabalho, melhores condições de vida, além de um lugar onde pudessem realizar seus rituais. Isso resultou no surgimento de duas novas etnias, os Katokinn, que se estabeleceram onde hoje se localiza a cidade de Pariconha e os Karuazu, que se organizaram nas terras conhecidas atualmente como Campinhos e Tanque. Estas diásporas, diz Amorim,

[...] trouxeram como resultado perdas identitárias, como, por exemplo, a língua, práticas rituais, usos e costumes, além de forçar os índios a conviverem e a interagirem de forma desigual com a sociedade nacional brasileira.[...] Porém, em muitos momentos históricos de tal situação, [...], a miscigenação ou mistura racial [...] foi utilizada como estratégia de sobrevivência, desses povos, e, como não poderia deixar de ser, principal via de continuidade e representatividade ancestral de muitos outros [...] (Amorim, 2010, p. 80).

Apesar de terem uma certa liberdade nessas novas terras, estes indivíduos ainda precisavam realizar seus rituais em segredo, afim de sobreviver e manter suas tradições ancestrais vivas, dando continuidade ao legado histórico de seus antepassados, que foram vítimas dos colonizadores numa espécie de etnocentrismo. De acordo com Laraia (2001), o etnocentrismo consiste num fenômeno universal, onde uma dada sociedade se considera o centro e exclui as demais, desencadeando racismo, intolerância, que são muitas vezes usadas para justificar atos de violência. Para Luciano (2023, p. 13),

[...] as culturas indígenas também expressam os grandes valores universais, às suas maneiras. Nas solenidades das festas e dos rituais, no refinamento e beleza das vestimentas, na pintura corporal, na educação comunitária dos filhos, na concepção sagrada do território, da natureza e do cosmos, elas manifestam a consciência ancestral, histórica, moral, estética, ética, religiosa e social. A diversidade de visões de mundo e dos modos de organização da vida, são transmitidos de pais para filhos e de geração para geração. A experiências empíricas e teórico-reflexivas do corpo e do espírito são as forças que movem o caminho milenar dos povos ameríndios. A territorialidade indígena atua como um estado de espírito da existência e os ritos e as memórias históricas como referências de identidade e da consciência humana e sociocósmica.

No final dos anos 90 o povo Karuazu, juntamente com outras etnias, começou um processo de ressurgimento, na luta por reconhecimento como uma comunidade indígena. O dia 19 de abril de 1999, marcou “[...] a ‘*abertura do terreiro*’ Karuazu, momento que foi comemorada a *Festa de Ressurgimento* dessa etnia. A abertura do terreiro, o batizado dos *praiás* e a intensificação dos rituais de culto aos *Encantados*, ocupam lugar central no



processo de *ressurgimento* étnico Karuazu” (Barretto, 2010, p. 62-63). Assim, todos os anos, nesta data, a comunidade se mobiliza para “[...] realizar uma grande celebração, com direito a “*Brincadeira dos Praiás*”, *Toré*, comida para os *Encantados*, Missa católica e o convite de lideranças que auxiliaram no processo de *ressurgimento*, [...]”, além de outros convidados (Barretto, 2010, p. 67).

A partir desse evento ritualístico, as vozes e os cantos da etnia Karuazu e de outras etnias, que foram obrigadas a se integrarem em uma sociedade intolerante e preconceituosa, puderam, enfim, ecoar e serem ouvidas, mostrando que sua religião, suas tradições, permaneciam vivas. Mas, o reconhecimento formal implica uma

[...] série de burocracias, como, por exemplo, as viagens a Brasília, o registro da etnia na FUNAI, o envio de técnicos fundiários às áreas indígenas, levantamento antropológico, etc., o que pode, dependendo das ações governamentais, demorar anos para a legitimação da etnia, delimitação, demarcação e homologação territorial (Amorim, 2010, p. 68).

É válido salientar que, atualmente, apenas o território do povo indígena Jiripankó, dentre os três povos residentes no município de Pariconha, tem parte de seu território demarcado e homologado. As outras duas etnias ainda travam uma árdua batalha para terem seus territórios demarcados e regularizados. Muitas das terras que seus antepassados ocuparam encontram-se, hoje, no domínio de terceiros, deixando os indígenas restritos a uma pequena área perdendo, conseqüentemente, elementos essenciais para o fortalecimento da sua cultura. Destarte, todos os resquícios das terras pertencentes aos seus povos, bem como as histórias por eles vividas nesse lugar, residem somente na lembrança presente em seus imaginários, fruto das histórias transmitidas pelos seus ancestrais oriundos de Pernambuco, por meio da oralidade.

A oralidade e a memória são, segundo Luciano, “[...] poderosas ferramentas de continuidade desses saberes e fazeres ancestrais. A ancestralidade indígena é uma conexão e interação com a dinâmica do mundo primordial que possibilita a vivência continuada dos princípios e valores dos primeiros tempos do mundo e da humanidade.” (2023, p.12). O povo Karuazu é, assim, uma ramificação, como é comum falar entre eles, do tronco Pankararu, que brotou no Sertão alagoano, e além disso, traz consigo ainda, heranças de outro povo que sofreu com a colonização, que são os descendentes dos negros que foram escravizados e se refugiaram nos quilombos. Logo, essa etnia tem em sua genética, a força de duas identidades ancestrais, que são símbolos de luta e resistência.

Nesta comunidade há diversas manifestações culturais, rituais e costumes que, apesar

da intensa influência religiosa, são mantidas por eles. É possível observar símbolos da cultura cristã inseridos na cultura indígena, evidenciando a assimilação sofrida pelos povos originários, que reverberam até os dias atuais. Exemplificando podemos mencionar a cruz, pintada em seus corpos nos momentos ritualísticos e também presente nas vestes de alguns *Praiás*; as imagens de Santos, que eles denominam de *cinta*⁵, ou no encruzamento do terreiro. Os rituais realizados pelos indígenas podem ser privados ou públicos. Nos rituais públicos, um grupo de indígenas homens, usando uma vestimenta confeccionada a partir da fibra extraída de uma planta típica da região chamada de caroá (*croá* para habitantes locais) somente para este momento, canta e dança manifestando sua identidade cultural e religiosa.

Para isso, estas pessoas passam por um processo de “*encantamento*” e precisam estar “puras”. Ou seja, devem estar livres de drogas, em completa abstinência sexual e sem ter cometido quaisquer atos vistos como inapropriados pelo grupo. São os *Praiás* (Fotografia 4), com seus elementos “[...] *toré*, toantes, vestes, o moço, o *poró*⁶, as promessas [...] que dão sentido à etnia.” (Amorim, 2012, p. 151). Os rituais privados são sigilosos, apenas pessoas permitidas podem participar desse momento, pois eles contêm segredos que protegem o núcleo do saber indígena. Essa é uma forma encontrada para proteger sua identidade, costumes e tradições mais sagradas e ensinamentos dos seus antepassados.

Fotografia 4 – *Praiá*, símbolo de elo entre mundos material e espiritual



Fonte: Autora, 2023.

⁵ A *cinta* é um ornato “[...]feito de tecidos estampados ou bordados. Aparecem pinturas ou apliques de cruz, estrelas, formas geométricas, imagem de santos, desenhos de *Praiás*, *campiôs* e, em alguns tem o nome do Encantado.” (Peixoto, 2018, p. 81)

⁶ O *Poró* é uma casa pequena, especificamente destinada para serem guardadas as vestes dos *Praiás*.

Outro elemento característico da cultura indígena é o *Toré*, ritual que possui admirável importância para estes povos, pois é através dele que se realizam as conexões com o espiritual, com os *Encantados*. Desta forma, eles retomam suas raízes e se ligam à natureza. É um ritual rico em músicas e onde se dá a oportunidade, algumas vezes, de todo o público presente participar (Fotografia 5), independentemente de ser indígena, ou não. É um momento onde todos podem socializar e celebrar juntos o evento, estreitando laços e unindo-se a um povo, comunidade, etnia ou outra denominação que receba. Ali fortalecem os laços socioculturais, na medida em que estes momentos compartilhados neste lugar sagrado (o terreiro), será recontado futuramente para as gerações vindouras, preservando assim as memórias deste povo.

Fotografia 5 – *Toré* aberto ao público presente



Fonte: Autora, 2023.

O *Toré* consiste numa dança onde os *Praíás*, num formato de fila indiana, dão voltas no terreiro, formando um círculo. Estes *Praíás*, tomados por suas divindades ancestrais, tornam-se ponto central no terreiro. É como se céu e terra se encontrassem, enquanto o terreiro permanece aberto, criando uma brecha cosmológica em todo o ambiente, deixando fluir a energia advinda dessa união. As sensações são tão marcantes, que aqueles que vivem essa fé, arduamente, se arrepiam, se emocionam, sobretudo com o *Encantado* ao qual possui uma ligação mais próxima, ou seja, aquele a quem recorre nos momentos de oração. No que tange Círculo, Torres (2007) menciona que

[...] o círculo é notável em diferentes povos e, por voltar-se a si mesmo em uma linha infinita, simboliza a unidade, o absoluto. É símbolo do mundo espiritual, não visível, do céu em oposição a terra, do espiritual contra o material, quando colocado em relação ao quadrado. Por isso o círculo une-se ao símbolo da divindade criadora da vida e a ela regula e ordena (Torres, 2007, p. 114).

Durante o ano, alguns rituais são realizados, a exemplo do pagamento de promessa ou agradecimento por uma graça alcançada. “O pagamento da promessa fecha um círculo de *dar, receber e retribuir.*” (Amorim, 2012, p. 142), e depois o ciclo recomeça. Porém, o evento ritualístico mais esperado é a *Corrida do Umbu*. Esse ritual se inicia, geralmente, no final do ano, época de safra da árvore típica da caatinga, o umbuzeiro. Assim, quando o primeiro umbu é encontrado por um indígena, os preparativos se iniciam. Esse ritual se divide em algumas etapas, a saber: a *Flechada do Umbu*; a *Puxada do Cipó* e a *Queima do Cansanção* (Fotografia 6).

Fotografia 6 – Ritual indígena da Dança do Cansanção



Fonte: Autora, 2020.

Símbolos como a pintura corporal, a confecção de adereços artesanais por indígenas desse povo, a partir de elementos da natureza, são outras características culturais que compõem sua identidade étnica. A força e os traços inseridos em cada detalhe de tais elementos transmitem, de alguma forma, sua resistência, sua história, sua conexão com o meio ao qual estão tão intimamente ligados. Cada marca, cada detalhe produzido possui um significado. Este conhecimento é passado de geração a geração. Dessa forma, aqueles para quem seus ensinamentos são transmitidos, herdaram não só o legado histórico de seus antepassados, mas a sua própria história. Assim, quem utiliza esses adereços, consciente ou inconscientemente, carregam junto de si o legado histórico de um povo. Porém, pelo fato de seu território não ser reconhecido legalmente, há uma enorme preocupação com os recursos recolhidos do meio ambiente por esses indígenas, pois estes têm ficado escassos e difíceis de serem encontrados.



Resultados e discussões

A religião é, também, um movimento cultural, sendo uma das principais características da formação identitária de um povo, ocupando, dessa maneira, um lugar de grande importância em diversas sociedades. Segundo Laraia (2005), religiões como o Judaísmo, Cristianismo, Islamismo, Budismo e Hinduísmo possuem milhares ou milhões de seguidores isso se deve, em grande medida, à globalização. Mas, é preciso destacar que muitos destes seguidores são oriundos de matrizes indígenas, ou seja, que muitas vezes o crescimento de uma se dá em detrimento da perda de outras. Mesmo sabendo, como aponta Durkheim, que essas religiões “[...] não são menos respeitáveis do que as outras. Elas respondem às mesmas necessidades, desempenham o mesmo papel, dependem das mesmas causas; portanto podem perfeitamente servir para manifestar a natureza da vida religiosa” (Durkheim, 1989, *apud* Laraia, 2005, p. 7).

No contexto brasileiro, a Igreja Católica é quem possui o maior número de seguidores, visto que foi um país colonizado pelos europeus, sobretudo por Portugal, que possui como principal religião o Catolicismo. Mas, é preciso lembrar que antes deles chegarem ao país, os nativos já manifestavam sua própria cultura religiosa vista, preconceituosamente, pelos colonizadores. Por isso, os padres jesuítas receberam a missão de “catequizar” este povo “pagão”, pois, na sua ótica, eram pessoas sem religião. Desta forma, faziam com que os aldeamentos “[...] ao mesmo tempo em que serviam como espaço para a catequese missionária, tornavam-se também meios de transmissão da cultura e religião dos missionários em substituição aos costumes e tradições culturais e religiosas das etnias.” (Vieira, 2014, p. 43).

Durante o processo, muitos indígenas foram mortos ou cometeram suicídio por não aceitarem esta submissão religiosa. Contudo, diante de tanta opressão, muitos acabaram por ceder a esta influência. Isso culminou em mudanças nos costumes, nas vestes, na língua, nas tradições e na própria relação entre o Deus do cristianismo e os *Encantados* dos indígenas. O próprio povoado Campinhos abriga uma Igreja Católica, cuja padroeira é Nossa Senhora das Dores. Segundo informações colhidas junto a membros dirigentes desta igreja, o número de adeptos do catolicismo nesta localidade alcança aproximadamente 90% dos habitantes. Isso reflete a grande influência das missões jesuítas.

Em relação ao protestantismo, o povoado possui, atualmente, três Igrejas Evangélicas, mas possuía três: Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil (conhecida também como Igreja do Véu). Outrora existia também a Igreja Mundial do Poder de Deus. O convívio

dos indígenas Karuazu com a crença do Deus do Cristianismo é harmonioso. Afinal, a fé em um, não anula a fé no outro. Ao contrário, ambas se fortalecem e se entrelaçam em uma crença firme, regida pelo respeito e devoção. Isso pode ser observado nos relatos de indígenas Karuazu, ao afirmarem que

[...] a importância dos encantados para mim, vêm em questão da fé que eu tenho a Deus. Como já venho de muito cedo participando das tradições, posso afirmar que tenho um grande amor devoção. É um grande prazer ter esse contato com eles, sentir, ouvir os ensinamentos e conselhos que eles nos dá (Entrevistada 1, 2019).

[...] na verdade não são duas fé, mas sim apenas uma. Os encantados são seres de luz que Deus deixou para nos ajudar, ensinar... Até porque sempre que eles se manifestarem sempre colocaram em Deus em primeiro lugar, eles já vem reverenciando Deus... Como eles dizem quem pode mais do que Deus, só Deus e mais ninguém não. A fé nos encatados [sic] apesar de ser muita a fé em Deus sempre será maior pois eles estão aqui por conta de deus, Deus sempre estará em primeiro lugar sempre... Sempre mesmo (Entrevistada 1, 2019).

Assim, o Deus do Cristianismo, como presente em sua bíblia sagrada, é o criador de todas as coisas e os Encantados, presentes na religiosidade indígena, fazem parte dessa criação divina. Na fala de outra indígena Karuazu, é possível notar a forte fé que ela mantém nos Encantados, segundo ela,

[...] a minha fé é uma, é uma coisa que vem, que já vem de dentro de mim. É uma fé tão inesquecível, tão inesperável que nem sei explicar direito, sei que eu tenho muita fé nos Encantados, né? Primeiramente Deus, segundo eles, e pra mim eu tanto tenho fé e respeito, porque já fiz pedidos aos Encantados e recebi a graça, então eu agradeço, e tenho aquela fé, e continuando tendo fé, e sempre que estou com algum problema, com alguma coisa, qualquer dificuldade, eu peço e sou atendida. Então é uma coisa que vem de dentro de mim, aquela fé, aquela emoção, e aquele respeito. Principalmente o respeito! [...] Eu me emociono quando eu tô no Terreiro, que eu estou vendo eles ali brincando, dançando ali, eu fico muito emocionada com aquilo ali. Então eu não sei explicar [...] (Entrevistada 2, 2019).

Em outro comentário, ela fala sobre a importância de ambos:

[...] os dois são importantes. Para mim, Deus em primeiro lugar, segundo eles. Uma coisa não muda a outra, não interfere na outra coisa. A gente crê em Deus de um jeito, ama Deus de um modo, e ama eles de outro modo. [...] Quem disser que atrapalha, acho que não tem fé neles, porque isso aí é uma coisa que não atrapalha ninguém não. A gente segue as coisas do mesmo jeito, como você segue pras coisas de Deus, você segue pra eles também, porque se você respeita a Deus, você tem amor a Deus e respeito, é a mesma coisa com eles também. Eu respeito, tenho muito amor e respeito por eles (Entrevistada 2, 2019).

Muitos indígenas desta etnia se encontram em outras localidades, fato que dificulta o acompanhamento de muitas práticas ritualísticas. Isso contribui para que eles pratiquem menos suas crenças, valores e memórias. Para um deles,

[...] mesmo fazendo parte da etnia Karuazu, não tenho uma relação de proximidade com os ritos da aldeia. Uma vez que a localização da mesma é distante e certos costumes e ritos acontecem em dias e horários que pra mim são inviáveis. Entretanto, tenho sim fé nos encantados mediante fatos pessoais que aconteceram com pessoas do meu círculo pessoal, que me levaram a ter respeito, admiração e sobretudo acreditar nessas divindades. Como seres curadores, detentores de grande sapiência e luz (Entrevistado 3, 2019).

Mas, ainda que distantes, eles enxergam tanto Deus quanto os Encantados como “[...] são seres do bem, e [buscam] nas orações receber alívio espiritual e sobretudo clareza da vida. [...]” (Entrevistado 3, 2019). Mas, ao realizar as pesquisas de campo o que mais nos assustou foi perceber que muitos indígenas desta etnia, ao mudarem para a prática protestante, passaram a classificar os rituais, antes vivenciados por eles com alegria e orgulho, de satânicos, de cultos blasfemos, etc. Um deles, por exemplo, diz que

[...] eu como indígena não tenho uma relação [...] da cultura, eu tinha conhecimento no caso dos Encantados através de uns familiares meus que não são da mesma aldeia, mas são de uma ramificação, [...] eu acredito no que eles falam, mas eu não sigo [...] eu sou de uma religião diferente, eu sou evangélico e creio em outra religião, mas mesmo assim não me deixam não acreditar também nos Encantados [...] (Entrevistado 4, 2019).

Se comparada à Igreja Católica, podemos dizer que a Igreja Protestante é bem mais rigorosa à aceitação de indivíduos indígenas manterem suas tradições e sua fé nos Encantados. A continuação da fala do entrevistado anterior permite esta percepção ao afirmar que

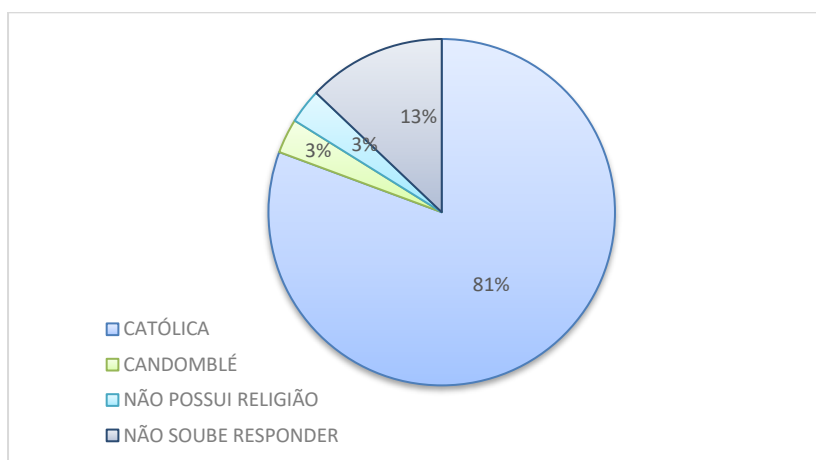
[...] pra mim, é um pouco complexo, porque quando se segue uma religião [...] rigorosa como a Evangélica, você acaba não acreditando muito, acredita mais no que eles falam, no que eles relatam. Mas quando você começa a ter uma concepção de curiosidade, [...] um ar de entender mais também sobre sua cultura, aí já ver de uma forma diferente. Eu sou de uma família que é constituída por indígenas, mas que também eles são católicos e evangélicos, e eu respeito muito cada um deles [...]. Eu creio em Deus, na minha religião, eu escolhi a minha religião pelo motivo não só de crer em Deus, mas que eu me identifiquei, mesmo tendo seus pontos negativos, principalmente pra quem estuda, é que vê muitos pontos negativos (Entrevistado 4, 2019).

Assim, é possível constatar que para esses indígenas, o Deus do Cristianismo é a base de sua fé, sendo os Encantados seres de luz, responsáveis por cuidar, proteger e interceder a

Deus por eles. Mas, para alguns, a crença nos Encantados se perdeu. Contudo, de maneira geral as duas religiões convivem, na medida do possível, em harmonia e isso é muito importante para a identidade indígena. Essas crenças vêm sendo passadas dos mais antigos aos mais jovens, cultivando, dessa forma, as memórias. Mas, para os indígenas que vivem afastados da aldeia, é difícil construir laços e estreitar relações. Assim, eles perdem a relação com suas raízes, com os Encantados, com a história de seu povo, o que contribui para que façam adesão aos hábitos e padrões deixados pelos “ocidentais”. Isso enfraquece a luta por manter a identidade indígena.

Para compreender melhor a relação entre a cultura da etnia Karuazu, guiada na fé advindas dos *Encantados* e a religião elaboramos, a partir da coleta de dados, alguns gráficos que nos ajudam a perceber melhor esta relação. Quando questionados sobre *sua religião*, 81% deles responderam praticar o catolicismo; 3% disseram ser adepto do Candomblé e 3% disseram não possuir religião alguma e 13% não souberam responder ao que estava sendo perguntado (Gráfico 01).

Gráfico 01 – Religião a qual os indígenas são adeptos



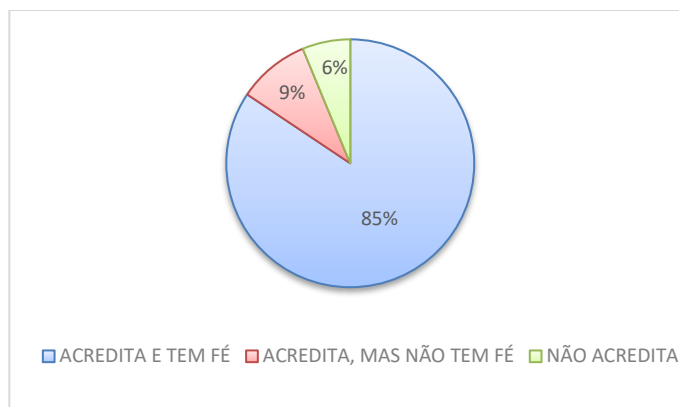
Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

É importante destacar a fala de um dos entrevistados ao afirmar que

Minha religião é uma mistura das minhas raízes indígenas e da fé católica. Como indígena, acredito na força encantada e na sabedoria da natureza. Aprendi desde cedo que a natureza tem uma energia espiritual, que devemos respeitar e valorizar. Ao mesmo tempo, sou católica e creio em Deus, participando de missas e seguindo os ensinamentos de Jesus Cristo. Para mim, essas crenças se complementam. Vejo Deus tanto nas maravilhas da natureza quanto na fé cristã, e acredito que ambas coexistem em harmonia, guiando minha vida espiritual (Participante A, 2024).

Quanto à crença nos Encantados (Gráfico 02), dos 32 entrevistados 85% responderam acreditar e ter fé nos *Encantados*; outros 9% disseram acreditar, mas não ter fé outros 6% dizem não acreditar.

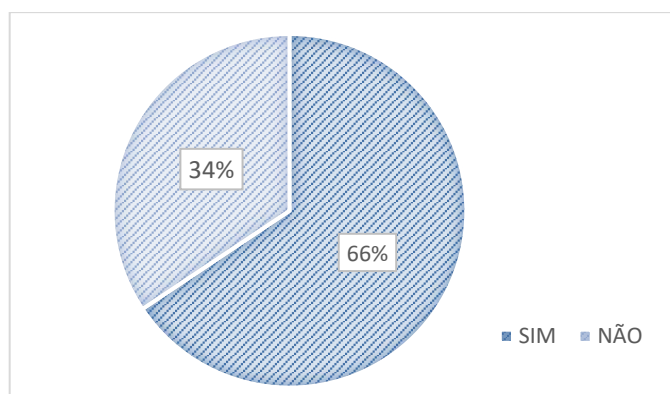
Gráfico 02 – Crença nos Encantados



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Quando questionado sobre a *participação ativa em algum ritual indígena, (Ex.: canta e/ou dança, cozinha, e etc.)*, 66% responderam que participavam dos rituais contra 34% que disseram não atuar nos eventos ritualísticos. Logo, a maior parte desses indivíduos participam regularmente das tradições herdadas dos seus descendentes, contribuindo para a perpetuação desse legado.

Gráfico 03 – Participação ativa nos rituais da aldeia



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

Os dados coletados permitem identificar, portanto, que a maioria deles é adepta do catolicismo mantendo, entretanto, sua fé nos *Encantados*, além de boa parte deles participarem ativamente dos rituais da aldeia. Isso demonstra que uma convivência harmoniosa e pacífica entre os diferentes é possível. É nisso que eles acreditam.



Considerações finais

Acredito que nossa maior expectativa, ao escolher abordar sobre a religião indígena, foi olhar a história dos antepassados através de uma nova perspectiva, de uma nova narrativa que até pouco tempo atrás era, de certa forma, desconhecida por muitos. No campo pessoal, mesmo tendo ciência da minha linhagem sanguínea e tendo enorme respeito por ela, nunca antes tinha, de verdade, ouvido a história narrada pelos meus antepassados. Diferente de muitos indígenas da minha etnia, não tenho esse elo forte com a cultura e com a espiritualidade que eles possuem. Não conhecia nada das tradições, de como os rituais e sua fé eram vivenciados.

Tudo que aprendi é novo para mim. Espero, sinceramente, que minha mente e meus olhos continuem me apresentando essa nova visão de mundo. Acredito que a contribuição deste trabalho está, portanto, na possibilidade de apresentar uma nova forma de enxergar a realidade pelo prisma do próprio indígena e não pelo olhar do colonizador.

Enfim, a construção deste trabalho me fez perceber que a catequização imposta aos povos originários resultou na perda de algumas características culturais e crenças religiosas, e a assimilação de outras, por parte de muitos indígenas, mas também que mesmo após séculos de perseguição houve resistência e muito da nossa cultura permaneceu e tem sido passado para as novas gerações. Para os indígenas Karuazu, os laços mantidos com seus parentes do Brejo dos Padres - PE, mesmo após a sua migração para Alagoas, constituem laço importante de sua história, afinal todos os ensinamentos culturais foram transmitidos por seus ancestrais e cultivados ao chegarem em Pariconha.

As entrevistas mostraram que o enlace desta cultura religiosa resultou numa identidade religiosa que o indígena não consegue separar. Para eles, o Deus do Cristianismo e os *Encantados* interagem harmonicamente, criando um espaço cosmológico que faz a conexão entre o plano espiritual e o físico, fortalecendo o “*ser*” indígena. Entretanto, certos indígenas que se encontram mais afastados da aldeia ou que residem em outras localidades, acabam não vivenciando estas conexões. As vivências e histórias produzidas no lugar são, portanto, perdidas por eles. Assim, influenciados por cultura e costumes externos, esses sujeitos passam a construir novos valores, colocando sua identidade indígena de lado, ainda que se autodenomine como indígena.

Enfim, os gráficos apresentados possibilitam constatar que a maior parte dos indígenas da etnia Karuazu são adeptos do Catolicismo, assim como também acreditam e têm fé nos *Encantados*, recorrendo a ambos para pedir e/ou agradecer por algo. Além disso, boa parte



dos indígenas participam dos rituais, contribuindo para a transmissão das tradições e crenças deste povo. Isto significa dizer que o fato da maioria dos indígenas Karuazu ser católica, não impede o forte sentimento de pertencimento com suas raízes indígenas e seus *Encantados*, nos mostrando que ambas religiões ocupem papéis essenciais em suas vidas.

Esperamos, desse modo, contribuir para que outras pessoas também questionem, reflitam, e desconstruam seus (pré)conceitos com o que lhes é desconhecido, assim como venho fazendo, dando espaço para escutar e/ou ler a história trazida de um outro ponto de vista que não seja a dos colonizadores. Que os gritos que foram silenciados e a história que foi distorcida, possa ser reescrita pelos frutos desses ancestrais, que se tornaram sementes ao terem seus corpos jogados ao chão e que resistiram (e resistem) ao tempo, mesmo ainda sofrendo represálias daqueles que usufruem da herança escarlata, conquistada através da morte de inúmeras vidas humanas.

Já não sou apenas uma leitora das histórias que são contadas nos livros sobre meus antepassados. Agora, faço parte de um grupo de pessoas que narram sua própria história e a dos seus antepassados; ainda há muito a ser aprendido, a ser descoberto da cultura do meu povo, mas espero ter contribuído, ainda que minimamente, para uma nova forma de pensar/ver a história indígena no Brasil. Também, para ao ler este artigo, outras pessoas possam compreender e absorver um pouco mais da cultura e dos costumes do povo Karuazu, repletos de tradições forjados na resistência que transcende os séculos.

Referências

AMORIM, S. S. **Os Kalankó, Karuazu, Koiupanká e Katokinn: resistência e ressurgência indígena no Alto Sertão alagoano**. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25528>. Acesso em: 23 nov. 2024.

AMORIM, S. S. Crônicas etnográficas dos rituais de promessas Koiupanká, Karuazu, Katokinn e Kalankó. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 6, n. 1, p. 140-162, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/30247/19262>. Acesso em: 20 nov. 2024.

BARRETTO, J. N. R. **Corridas do Imbu: rituais e imagens entre os índios Karuazu**. Recife, 2010. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Antropologia, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/1108/1/arquivo879_1.pdf. Acesso em: 28 nov. 2024.

SANTOS, Erica Danieli de Lima; SOUZA, Reinaldo. Entre cruzeiros e encantados: uma análise da influência religiosa na identidade indígena do povo Karuazu. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p. 4-25. 2026.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CORSO, J. C. **A religiosidade presente no processo de formação do MST do Paraná**: as relações entre CPT e MST (Déc. 80-90). ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005. Disponível em: <https://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.0502.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2024.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano V, nº 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.

IBGE. Censo Demográfico 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/al/pariconha/panorama>. Acesso em: 03 maio 2024.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LARAIA, R. B. As religiões indígenas: o caso tupi-guarani. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 6-13, set/nov 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13451/15269>. Acesso em: 26 dez. 2019.

LUCIANO, G. J. S. História indígena no Brasil independente: da ameaça do desaparecimento ao protagonismo e cidadania diferenciada. **Revista de Teoria da História**. Goiânia, v. 26, n. 1, p. 9-32, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/76035/40052>. Acesso em: 04 dez. 2024.

MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** - vol. 32, nº 94, junho/2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2024.

PEIXOTO, J. A. L. **Minha identidade é meu costume**: religião e pertencimento entre os indígenas Jiripankó-Alagoas. 2018. Tese (Doutorado) – Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião. Recife, 2018. Disponível em: https://www.gphial-uneal.com.br/_files/ugd/240cb7_979e73073faa42298f2964ae3c30d495.pdf?index=true. Acesso em: 03 maio 2024.

SANTOS, F. L. **Da Catequese à civilização**: colonização e povos indígenas na Bahia (1750-1800). Salvador/BA. Universidade Federal da Bahia – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Tese (Doutorado em História Social). 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11613/1/SANTOS%2C%20Fabricio%20Lyrio%20-%20Da%20catequese%20%C3%A0%20civiliza%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 30 out. 2023.

SOARES, I. N.; ROCHA, P. G. Decolonialidade indígena e pensamento rizomático: uma reflexão a partir de memórias indígenas. **Revista de Estudos de Literatura, Cultura e Alteridade**. Igarapé, Porto Velho (RO), v.15, n. 2, p. 34-52, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/igarape/article/view/7055/107>. Acesso em: 17 jun. 2024.

SANTOS, Erica Danieli de Lima; SOUZA, Reinaldo. Entre cruzeiros e encantados: uma análise da influência religiosa na identidade indígena do povo Karuazu. **Revista de Estudos Indígenas de Alagoas – Campiô**. Palmeira dos Índios, v. 4, n. 1, p. 4-25. 2026.



SOUSA, R.; SILVA, F. **(Re)pensando geografia: história, objeto, método e práxis**. 2. ed. Maceió, AL: Ed. do Autor, 2022.

TILIO, R. Reflexões acerca do conceito de cultura. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. Volume VII, Número XXVIII, Jan-Mar 2009, p. 35-46. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Ingles/tilio.pdf. Acesso em: 04 maio 2024.

TORRES, M. M. M. S. L. **O Cristo do Terceiro Milênio – A visão plástica da arte sacra atual de Cláudio Pastro**. 2007. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/51a956a6-7a73-4861-b423-a5825513aeda/content>. Acesso em: 29 nov. 2024.

VIEIRA, J. L. G. **Práticas identitárias e ressignificação do universo imaginário dos povos indígenas do sertão de Alagoas**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/Letras_VieiraJL.pdf. Acesso em: 06 nov. 2024.

Entrevistas

Entrevistada 1. Dez, 2019. Entrevistador(a): Erica Danieli L. Santos. Pariconha-AL, 2019. Entrevista realizada via WhatsApp.

Entrevistada 2. Dez, 2019. Entrevistador(a): Erica Danieli L. Santos. Pariconha-AL, 2019. Entrevista gravada em formato MP3.

Entrevistado 3. Dez, 2019. Entrevistador(a): Bruno Dario L. O. S. Soares Filho e Sobrinho. Pariconha-AL, 2019. Entrevista realizada via Instagram.

Entrevistado 4. Dez, 2019. Entrevistador(a): Bruno Dario L. O. S. Soares Filho e Sobrinho. Pariconha-AL, 2019. Entrevista gravada em formato MP3.